



O CASO FIEL INIMIGO

Rui Zink*

Universidade Nova de Lisboa

RESUMO: *O Fiel Inimigo* foi um semanário satírico português em formato de jornal tabloide, com 24 páginas, que durou 48 números, tendo o primeiro saído nas bancas em 3 de julho de 1993 e o último a 27 de maio de 1994. Teve como diretor Júlio Pinto (1949-2000), jornalista e humorista, resistente à ditadura derrubada pela “Revolução dos Cravos” em 1974. O autor foi editor do jornal e faz neste artigo um relato pessoal sobre a aventura jornalística de produzir um semanário de humor com uma escassez de meios de arrear um espartano. Ao mesmo tempo, contextualiza, problematiza e reflete sobre a evolução da escrita humorística periódica em Portugal dos últimos anos do século XX e dos constrangimentos que a condicionavam.

PALAVRAS CHAVE: Jornalismo humorístico, sátira política, Júlio Pinto, *O Fiel Inimigo*.

THE CASE OF ‘THE FAITHFUL ENEMY’

ABSTRACT: *The Faithful Enemy* was a Portuguese satirical weekly newspaper in a tabloid format, with 24 pages, published from July 3, 1993 to May 27, 1994, lasting only 48 issues. Its executive editor was Júlio Pinto (1949-2000), journalist and humorist, former resistant against the dictatorship overthrown by

* Escritor, professor e vítima das circunstâncias” – assim se apresenta Rui Zink na contracapa de *O Livro Sagrado da Factologia* (2017). Este é o seu romance mais recente, numa obra em que o humor ocupa um lugar central e que já ultrapassou os cinquenta títulos, entre ficção, ensaio, banda desenhada, livros para crianças, teatro e até o libreto de uma ópera (*Os Fugitivos*, 2002). Professor na Universidade Nova de Lisboa, Zink é autor de uma dissertação de mestrado sobre o humorista José Vilhena (o escritor com mais livros proibidos – e apreendidos – pela Censura durante a ditadura de Salazar e Caetano). A sua tese de doutorado foi a primeira apresentada em Portugal sobre Banda Desenhada (assim chamam do outro lado do Atlântico às histórias em quadrinhos). Livros de sua autoria, entre os quais se incluem *Hotel Lusitano* (1987), *Apocalipse Nau* (1996), *O Amante é sempre o último a saber* (2011), *A Metametamorfose e outras formosas morfofes* (2014) ou *Ossos* (2015), estão traduzidos em alemão, bengali, croata, francês, hebraico, inglês, japonês, romeno e sérvio. Tradutor de obras de [Matt Groening](#), [Saul Bellow](#) e [Richard Zenith](#), foi ainda Leitor de [Língua Portuguesa](#) na [Universidade de Michigan](#), Professor Convidado na [Universidade de Massachusetts](#), [Dartmouth](#) e escritor residente na Escola de Português do Middlebury College, Vermont, todas nos EUA. Pioneiro dos cursos de escrita criativa em Portugal, no início dos anos 90, é co-autor, com António Jorge Gonçalves, do primeiro romance gráfico português, *A Arte Suprema* (1997), e autor do primeiro romance interativo online lusitano, *Os Surfistas* (2011). *Dádiva Divina* (2005) valeu-lhe o Prémio do PEN Clube Português e o romance *A Instalação do Medo* (2012) recebeu o Prix Utopiales Européen 2017, além de ter sido adaptado ao teatro e encenado por Jorge Listopad. Na imprensa, foi colaborador do semanário [O Independente](#) (1991), da revista [K](#) (1992) e do semanário humorístico *O Fiel Inimigo* (1993-1994), entre outros. Atualmente tem uma coluna semanal no diário *Correio da Manhã*.

the “Carnation Revolution” in 1974. The author worked as an editor in *The Faithful Enemy* and writes here about his personal recollections of a journalistic adventure: publishing a weekly humor newspaper with means so scarce that would make a Spartan quiver. At the same time, he puts in context and reflects upon the evolution of written humor and its constraints in the last years of the 20th century in Portugal

KEYWORDS: Humorous journalism, political satire, Júlio Pinto, *The Faithful Enemy*

O Fiel Inimigo foi um semanário satírico em formato de jornal tabloide, com 24 páginas, que durou 48 números, tendo o primeiro saído nas bancas em 3 de julho de 1993 e o último a 27 de maio de 1994. Durou pouco menos de um ano e teve como diretor um jornalista com fama de intratável, cronicamente crítico, provocador, anarquista, malicioso. E, ah, de escrever muito bem. Tudo acusações justas – uma das principais medalhas de Júlio Pinto (1949-2000) era ter sido, além de resistente à ditadura quando fazia sentido sê-lo (enquanto ela existia), expulso do *Diário*, um jornal conotado com o PCP.¹ A história ficou lendária e colou-se com justeza ao personagem.

O Fiel Inimigo – ou simplesmente, como a equipa preferia dizer, *o Inimigo* – durou pouco mas ficará na memória dos povos; enfim, pelo menos na memória dos pobres; pronto, pelo menos ficou na memória do pobre de mim. Tenho uma desculpa: trabalhei lá. Integrei a equipa fundadora a convite do Júlio Pinto, ele próprio desafiado para, aproveitando as instalações temporariamente desocupadas de um antigo jornal, criar de raiz um semanário de humor. Não é coisa pouca, embora pareça: este projeto surgiu num tempo em que havia um vazio por preencher, pois o único humorista independente e regular da publicação periódica – José Vilhena, uma anomalia portuguesa² – estava no defeso.

Júlio Pinto fora desafiado a, com uma escassez de meios de arrear um espartano, formar uma equipa capaz de, todas as semanas, pôr nas bancas um jornal humorístico. Não era – não foi – fácil. E sem publicidade, o que sempre reduz drasticamente as hipóteses de um jornal dar lucro. Por outro lado, sem publicidade a independência é maior, dado que não há risco de (por uma piada) perder patrocínios.

No último número, como sempre na página 2, o editorial de Júlio Pinto é sarcasticamente otimista: «Não acreditamos que o quarto poder esteja condenado a

¹ Júlio Pinto escreveu uma crónica em apoio à greve da fome dos dirigentes presos do PRP, um partido de extrema-esquerda.

² Sobre José Vilhena, cf. Zink, Rui. **O humor de bolso de José Vilhena**. Lisboa: Celta, 1999.

acabar no quarto do poder. O poder também tem salas de estar, e, se as tem, alguém há-de lá estar.»

COMO FAZER UM SEMANÁRIO DE HUMOR?

Desde logo, à partida, duas enigmáticas questões: a) quem tem graça escrita? b) a que acha «o leitor» graça? E uma terceira: o que é ter graça? Se a história do jornal desse um filme, seria decerto um daqueles de ação: primeiro, *o reunir da equipa*, cada um com a sua especialidade; em seguida, *o treino*; e, por fim, *a missão* propriamente dita.³

O treino foi feito durante os quatro números zero: afinou-se a mira, discutiu-se a lógica das primeiras páginas (todos de acordo com a sua importância e acabámos por, logo na primeira, atirar ao lado), as rubricas fixas (sempre um sossego num jornal: o editorial, a página de astrologia, o correio do leitor, os cartoons e bandas desenhadas), a estratégia de ter uma estrutura de paginação e notícias similar à de qualquer outro jornal (até pelo treino do diretor gráfico, que pertencera aos quadros do *Diário Popular*), qual a linha orientadora do *Inimigo*: sátira política e social, de atualidade – e, também, desde o princípio, sátira aos *media* e à sua crónica hipocrisia, como está assinalado três parágrafos acima, na ideia (cara a Júlio Pinto) de, cada vez mais, o quarto poder estar no quarto do poder, fazendo coisas pouco recomendáveis (ou mesmo inconfessáveis).

Um dos problemas era a falta de dinheiro: pouco havia para oferecer aos colaboradores, o que desde logo tornava difícil o aliciamento de profissionais com acesso a melhores propostas. Assim, o critério passou a ser o de trazer conhecidos disponíveis ou jovens dispostos a, de certo modo, estagiar. O famigerado “amor à camisola” ou o prazer de participar num projeto tão ousado teriam de bastar.

Quarta enigmática questão: o que oferecer de diferente ao leitor? Este era o menor dos problemas, dada a inexistência de concorrência. O produto corria isolado, o que não era necessariamente bom, pois podia significar, tão só, que o interesse do público por uma publicação de humor era mitigado. Isso veio a provar-se. Mesmo hoje, em 2018, com a multiplicação dos canais de comunicação e uma valoração (talvez até exagerada) do humor e da ironia, com a ascensão dos humoristas ao poder, inclusive a

³ O último número termina até em aberto (ver fig. 1), «*O Inimigo* vai de férias», mantendo em aberto a hipótese de uma sequela – que não aconteceu.

uma inaudita legitimação do seu valor cultural, continua a não existir uma publicação nacional de humor escrito. No fundo, o mesmo que se passa com a banda desenhada ou a ficção científica.

Quinto enigma: o que quer o público? Como atrair o interesse, a atenção e o investimento⁴ de um número substancial de leitores? As primeiras tiragens declaradas em ficha técnica eram ambiciosas – sessenta mil exemplares – e as últimas mais realistas: nove mil. No final, em banca, vender-se-iam dois mil exemplares. Embora provavelmente os proprietários já soubessem ir perder dinheiro, ao fim de nem um ano o *Inimigo* foi fechado, mesmo que no último editorial Júlio Pinto tivesse dito ser apenas um «até já»:

O Inimigo vai de férias em Junho, que é o mês dos poetas e dos santos.

E não tencionamos apenas descansar. A ideia é reflectirmos, mesmo sem bolsa da Gulbenkian, sobre a realidade que nos cerca. Para fazermos um jornal ainda mais chato, minoritário e incompreendido. É claro que quando voltarmos, lá para Julho, o povo não estará mais culto e inteligente. Continuaremos a ter de concorrer com o “Expresso”, a “Nova Gente”, a “Maria”, o “Correio da Manhã” e outras pornochachadas. E continuaremos a ser arrasados.⁵

É talvez o mais amargo editorial, e com razão. A capa (fig. 1), todavia, tem humor, numa referência a um escândalo da polícia secreta, O SIS, aqui transformado em cravo emissor num estranho parque temático:



⁴ Cem escudos em 1993. Valor nominal de cinquenta cêntimos, o equivalente talvez a euro e meio hoje.

⁵ O Fiel Inimigo, Edipress, Lisboa, 1993-1994, pag. 10, 11 e 12.

(fig. 1. O último número)

Espanta-me que Júlio Pinto não tenha visto a especular ironia: 48 anos de fascismo, 48 números do *Inimigo*.⁶ E o pior (a outra ironia) é que o jornal andou demasiadas vezes à procura do leitor – o leitor cujo gosto seria em número suficiente para tornar o jornal um sucesso – e incorreu no erro de fazer um número 1 cuja capa era, ao contrário das dos quatro números zero, concessão a toda a linha: uma piada fraca sobre futebol, supostamente o tema mais popular (*popularucho*, na conotação negativa) ilustrada pelo diretor gráfico, um profissional competente mas desfasado, um boneco ao gosto de outro tempo, anacrónico. Um erro (ver fig. 2), que depois foi tentando ser corrigido, mas que não devia ter sido cometido – não no primeiro número, aquele que afirma a marca.



(fig. 2. Capa do primeiro número)

INIMIGO OU FIEL INIMIGO?

Começou por haver um título – *O Inimigo* – e um problema com o título: outro grupo de humoristas reclamava ter registado o título anos antes, pois eles próprios

⁶ Disclaimer: na altura também eu não a vi.

contavam usá-lo para uma publicação humorística. A equipa decidiu não entrar em conflito, até por cortesia profissional. Afinal, humoristas em Portugal nos anos 90 eram poucos (a moda, ou praga, só dispararia no novo milénio), todos nos conhecíamos nem que fosse de vista, e quem tinha registado a marca merecia respeito, com Miguel Esteves Cardoso à cabeça, fundador do semanário *O Independente* e da recém-extinta revista mensal *Kapa* (1991-93), e os comparsas habituais: Carlos Quevedo, Nuno Miguel Guedes, Alberto Castro Nunes.⁷ Aí surgiu a ideia de adicionar um apodo: «fiel». Lembro-me de ter sido o único a discordar: eu achava que quem foi ao mar perdeu o lugar, que «registar» não é *usar* e suspeitava (o que o tempo confirmou) que aquele bando de talentosos cabotinos nada iria fazer. E que, se desagradados ficassem, dificilmente nos iriam pôr um processo – provavelmente até era *bluff* que tivessem registado o título. (Uma vez mais, a verificar. Curioso, isto de fazer História ao vivo.)

Além disso, o «fiel» tirava força substantiva ao substantivo: transformava uma afirmação lapidar – *O Inimigo* – numa chalaça com o seu quê de antigo e requentado: nos anos 90, fazer uma piada popular com bacalhau (*o fiel amigo*) colocava-nos do lado do teatro de revista e da música de agosto nas festas de aldeia, não no universo urbano e escolarizado onde planeávamos dançar. A associação deste jogo ao boneco desenhado pelo diretor gráfico (fig. 3) foi, ainda hoje estou em crer, prejudicial.⁸



(fig. 3. O cabeçalho)

A EQUIPA

⁷ Eu próprio talvez viesse a ser cooptado, como fui para a *Kapa*. Colaborei n' *O Independente*, mas aí fui por moto próprio, de início com um cartoon a meias com Manuel João Ramos. Mais tarde, Júlio Pinto e Nuno Saraiva prosseguiriam uma colaboração frutuosa n' *O Independente*. Sim, os círculos eram tão pequenos, promíscuos, informais e concêntricos.

⁸ Na verdade, houve três logos. Ainda no protótipo 02, um desenho de Relvas – que infelizmente não investiu à altura do seu talento, pecha sua em tantos outros trabalhos. A partir do nº 36, o jornal passou a ter um logo elegante, eficaz (mas pecando por tardio) do sempre fiável Nuno Saraiva. (Ver, em anexo, fig. 8 e 9.)

A equipa era naturalmente curta. Suponho que Júlio Pinto se tenha reunido individualmente com as pessoas que sondou para integrarem a equipa. A mim convidou-me para ser um dos editores, disse que o outro seria «o Mário Lindolfo, conheces?». Não. «O Mário Lindolfo é um gajo porreiro, é realizador da RTP mas está na prateleira há muitos anos».⁹ Mário Lindolfo tinha um sorriso irónico e um olhar malandro, o que entendi como razão para os superiores desconfiarem dele e como máscara perante o mundo e a adversidade. Mesmo antes de o conhecer, a cumplicidade entre ambos era informação mais do que necessária. Eu ainda era uma promessa em ascensão, e, embora fôssemos amigos, pelo fosso geracional havia experiências – um passado de boémia e combate – que me eram alheias. Júlio resistira, jovem adulto, à ditadura; eu não. Já ele e Mário Lindolfo eram um par inseparável: tinham os mesmos gostos, a mesma visão do mundo, uma memória partilhada. Isso podia ser exasperante (para mim) e frustrante (para eles, o não terem mais com quem partilhar aquela nébula de emoções), mas estou em crer que foi a grande felicidade deles: o poderem, dias e meses a fio, compor aquele jornal, uma derradeira chance para revisitarem algo de valioso, real ou efabulado pela memória. A eles aplicava-se a dicotomia Babel/Sião, presente em tantos e tantos textos e que Camões tão bem resumiu:

Sôbolos rios que vão
Por Babilónia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião
E quanto nela passei.
(...)
Ali, lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes
Como se nunca passaram.¹⁰

Não sei quanto tempo levei a aperceber-me que, mais do que o resultado, para eles contava o processo. Foi isso que levou ao pequeno conflito (e desilusão mútua) que resultou na minha despromoção. A partir do nº KK (KK/KK/KK) deixei de ser editor,

⁹ A expressão «estar na prateleira» é inequívoca, sobretudo em relação à televisão pública daquele tempo: alguém que, não tendo sido despedido por pertencer ao quadro, se encontrava numa espécie de limbo profissional, não lhe sendo distribuídas tarefas ou, pelo menos, tarefas equivalentes ao seu estatuto. Uma situação geralmente desconfortável para o trabalhador, ficar desempregado sem no entanto perder o emprego.

¹⁰ CAMÕES, Luís. Super Flumina. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000163.pdf>

passando a integrar «apenas» a redação. No fundo, em termos de produção de páginas e texto, continuei com o mesmo trabalho. Uma só coisa se modificou, assaz importante, contudo, sou o primeiro (hoje em dia) a reconhecer. Tratarei o caso no ponto 5 (a maldição do Tagarro), mas não resisto a reproduzir já as palavras constrangidas, em voz entristecida, que o Júlio me dirigiu: «Rui, eu e o Mário estivemos a pensar... e achamos que estás a ficar fora do espírito do jornal.»

Júlio Pinto e Mário Lindolfo tinham, com efeito, ideias muito definidas do que era «o espírito do jornal», e isso implicava não só fazê-lo – conseguir ter o jornal pronto sexta de manhã a tempo de ir para a gráfica e estar nas bancas sábado – mas também um *modus vivendi*, uma forma de estar, um caminhar. Era isso, estou convicto, que os motivava: o regressar àquela estranha forma de vida, ao Bairro Alto do tempo dos jornais do Bairro Alto, cujas ruas, se líquido jorrassem, seria tinta. Até certo ponto, os outros éramos só «compagnons de route», camaradas de jornada. Ocorrem-me títulos como *A Última Cavalgada*, *A Carga da Brigada Ligeira*, *O Último Moicano*, *O Fim de uma Era*. E, reconheço com pesar, a partir de certa altura eu terei ficado «fora do espírito do jornal». Essa é que é essa.

O Fiel Inimigo foi alguma coisa para nós todos. Para Viriato Teles, a chance de viver uma época à qual chegou tarde, a do «jornalismo heroico, combativo e de esquerda» (o que quer que isto queira dizer). Viriato era um jornalista que escrevia sobretudo sobre música e trabalhava na rádio, moço da minha geração mas que gostaria talvez (é uma teoria) de ter nascido pelo menos um par de décadas antes – nostálgico do mundo em extinção do qual Júlio Pinto e Mário Lindolfo eram *lídimos representantes*, aliás praticamente últimos sobreviventes. O anacronismo de Viriato (é a minha leitura, posso estar errado) era inverso ao deles: ele queria, pobre Pierre Menard da esquerda *soixanthuitarde* com barba, óculos e camisa aos quadrados, ter nascido vinte anos antes. Queria ter sido *amigo do Zeca* (Afonso), radialista na Argélia (com Manuel Alegre), exilado em Paris (com José Mário Branco), preso em Caxias (com a malta toda), Godard de si mesmo.¹¹

¹¹ Podem perguntar a Viriato Teles o que acha desta descrição – ele ainda anda por aí, embora agora, na linha do Ivan Lins quando a nova esposa lhe fez uma mudança de imagem, com um visual mais consentâneo aos nossos tempos. Entretanto, em 1999 publicou em livro um brilhante trabalho sobre, precisamente, José Afonso: *As voltas de um andarilho*, Lisboa, Ulmeiro, entretanto reeditada pela Assírio & Alvim em 2009.

UMA AVENTURA JORNALÍSTICA

Ao princípio, eu próprio estava – aprendiz de jornalista – disponível para o que adivinhava ir ser uma aula, uma *masterclass*. Uma introdução a um mundo perdido, o dos jornais do Bairro Alto. Em décadas anteriores, praticamente todos os jornais tinham a sede e as rotativas ali no bairro: o *Diário de Lisboa* na Rua Luz Soriano, o *República* no largo da Misericórdia, o *Diário de Notícias* (há muito mudou para o cimo da Avenida da Liberdade) a sua passagem ainda assinalada na rua com o seu nome, *O Século* na Rua do Século. Um tempo no qual os jornalistas faziam parte da fauna boémia, assistiam à impressão nas rotativas, era comum haver uma edição da manhã e outra da tarde, discutiam as manchetes com os tipógrafos; em suma, se respirava chumbo – o chumbo da impressão em papel. Eu visitara a redação do *República* em criança; Júlio Pinto e Mário Lindolfo tinham mesmo vivido esse mundo e estavam felizes de o poderem visitar e, digamos, reencenar.

O nosso espaço de trabalho era ele próprio um fantasma, um *resto*. A grande sala da redação do *Diário de Lisboa*, onde teriam estado em simultâneo pelo menos uma dúzia de jornalistas, fora agora reduzida a um baldio semiabandonado, com umas três ou quatro mesas soltas, sem necessidade de arrumação, dado que espaço não faltava, faltava era povoamento humano. Um resto, um eco, uma ruína romântica, como as que, no século XIX, provocavam *Ruinenlust*.¹²

Começámos a trabalhar nos quatro números zero a partir de abril de 1993. O primeiro número é colocado nas bancas sábado, 3 de julho de 1993. Em setembro, eu e a minha mulher confirmamos que chegará em maio ou junho o nosso primeiro filho. Eu tentei acompanhar o mais possível o Júlio e o Mário – afinal, era o terceiro mosqueteiro, um dos dois editores que secundavam o homem desafiado, por um par de «bons piratas» [sic] que acharam interessante aproveitar o espaço abandonado, as máquinas e o pessoal da tipografia, durante um período de limbo, enquanto não lhes era dado mais lucrativo uso financiando de raiz um semanário de humor.¹³

O quarto mosqueteiro era, podemos dizer, o diretor gráfico, Edmundo Tenreiro, responsável pela linha gráfica. Tenreiro era uma imposição dos patrões, e talvez o único elemento da equipa que não chegou ao *Fiel Inimigo* através de Júlio Pinto. Era de outro

¹² Há um belo livro de poesia de Ricardo Marques com esse mesmo título.

¹³ Sem esta conjunção semi-fortuita de fatores não creio que tivesse havido *Fiel Inimigo*.

tempo, tal como Júlio Pinto e Mário Lindolfo, mas, ao contrário deles, era aqui peixe fora de água. Toda a gente acha que tem sentido de humor, e Tenreiro não era diferente; mas, lá diz o provérbio, «Quem sabe se a sopa está boa não é quem a faz, é quem a come». O seu trabalho de paginação era funcional, e foi importante, ou não viesse ele de uma bem-sucedida carreira primeiro como designer, depois como diretor gráfico; era um homem bem-disposto, magro, com um bigode sedutor, sempre de fato e gravata, mesuras, um *dandy* do velho Bairro Alto, um cavalheiro, contente consigo próprio. Ele e Júlio Pinto eram, a bem dizer, os únicos com experiência real de como se fazia um jornal e, nesse sentido, eram os dois pilares daquele projeto. Infelizmente, a linha gráfica não tinha acompanhado aquilo que Gillo Dorfles designou de oscilações do gosto. O logotipo que Tenreiro desenhou para a cabeça do jornal não ajudou o *Inimigo* a apontar ao público-leitor ambicionado. Associado ao jogo de palavras do título desde o início, o grafismo-possível marcou um tipo de humor que estava a leste do que nós queríamos fazer, e (é uma opinião discutível, mas documentada) afastou-nos desde logo do público mais jovem e urbano. Aquele grafismo puxou-nos para um universo próprio do teatro de revista de um Parque Mayer.

Em compensação, foi também ali no *Fiel Inimigo* que se revelou algum futuro, nomeadamente da BD em português: Nuno Saraiva acabaria por iniciar ali uma brilhante parceria com Júlio Pinto que só terminaria com a morte deste, prematura, aos 51 anos.

E André Carrilho, hoje um dos grandes valores mundiais de uma área que aparentemente tinha ficado esgotada no seu século de ouro, o XIX, mas à qual este jovem prodígio acrescentou um ponto.¹⁴ Chegado de Macau e trazido ao jornal pelo tio, antigo camarada de Júlio Pinto, Carrilho começou a fazer caricatura por sugestão nossa (creio, o próprio poderá dar outra versão), e banda desenhada. Com apenas vinte anos, o André rapidamente se revelou um talento enorme. O que nos surpreendeu nele foi o traço perfeito e o modo como conseguiu inovar numa área que parecia esgotada e que teve o seu auge no século XIX. Logo a primeira capa que fez – uma caricatura de Macário Correia, político do PSD – estão já todos os elementos que tornariam um príncipe de nível mundial numa tão escassa área (ver fig. 4). Só me ocorre, a propósito

¹⁴ O seu trabalho é regularmente publicado, muitas vezes como capa, nas mais poderosas e prestigiadas revistas mundiais. Cf. andrecarrilho.com.

dele, uma frase de um filme de Ingmar Bergman: «Sob a fina membrana, podíamos ver já o réptil perfeito».¹⁵ É também patente o contraste entre este novo estilo e o velho.



(Fig. 4. Macário Correia)

De entre os outros desenhadores cujo talento contribuiu para o *Inimigo*, valerá a pena referir Serer, um caso estranho, ainda hoje. Em vão busco informações sobre ele. Merece um estudo. Serer chegou também via Júlio: «Não conheces o Serer? Tens de o conhecer. O gajo é um personagem. As histórias dele são do humor mais negro que já vi. E para ele aquilo não é sequer humor, é a vida dele.»

Quando vi Serer compreendi o que Júlio queria dizer: pequenino, feio, muito míope, cabelo desgrenhado descendo da careca, parecia uma figura dos seus cartoons, que eram de um miserabilismo estranho, exagerado, grotesco, tanto no estilo como na temática. O traço não me agradava muito, ao contrário do de Saraiva, Carrilho ou Lam. Mas havia uma veemência sem transigências, brutal, naquelas *charges*. O seu «bairro zero» obrigou-me mesmo a cunhar um termo: *humor-lumpen*.

Veja-se o caso de «Desemprego»¹⁶ (fig. 5):

¹⁵ Ingmar Bergman (1977), *O ovo da serpente*.

¹⁶ N° 00, junho 1993, p. 8.



(fig. 5. Bairro Zero: o desemprego)

Serer era uma anomalia no jornal? Sim, mas uma boa anomalia. A rubrica «Bairro zero» tinha uma crueza quase *punk* quer no traço, quer na interpretação da realidade. Veja-se o cartoon abaixo (fig. 6), com um casal cuja forma de tomar banho é o no mínimo peculiar:



(fig. 6. Bairro zero – o banho)

A MALDIÇÃO DO TAGARRO

E chegamos ao cerne do artigo. A rotina, tal como recordo, era a seguinte para o diretor e os dois editores. Combinávamos estar lá às nove, chegávamos às dez. A sala – um *open space* de uns 200 m² – estava desoladoramente vazia. Escrevíamos alguma coisa, ou tentávamos, pois o humor escrito exige uma presença de espírito que outras tarefas não requerem tanto. E continua a ser um problema de difícil resposta: como

escrever com graça? Até que o Júlio se aproximava e dizia: «Epá, e se fôssemos à D. Rosa tomar um café para arrebitar?» Íamos. Voltávamos à redação meia hora depois, teclávamos umas frases, eu mais rápido (era mais novo e menos experiente, por isso escrevia o que tinha a escrever), Até que o Júlio conferenciava com o Mário e se aproximava da minha mesa com uma solução genial para o marasmo: «Eu e o Mário estivemos a pensar, e se fôssemos ao Tagarro já, almoçar, e depois voltamos mais cedo para trabalhar?»

E lá íamos, à Adega do Tagarro, Rua Luz Soriano nº 21, na altura uma modesta casa de pasto que servia os profissionais do bairro e, por conseguinte, os jornalistas do tempo em que o Bairro Alto era um viveiro de jornais. Invariavelmente encontrávamos lá o diretor gráfico, Edmundo Tenreiro, noutra mesa, sempre de fato e gravata, magro, elegante, com o seu bigode sedutor, ao contrário do Júlio e do Mário, desmazelados de corpo e de roupa.

Almoçávamos, confortando com comida e bebida a falta de inspiração matinal e, na hora das sobremesas, começava a dança dos meios-whiskies:

«Vamos beber só meio-whisky, para estarmos em forma.»

«Boa ideia. Tu também queres, Rui, certo? Ó sr. António, arranje-nos aí três meios-whiskies.»

Só que um meio-whisky acabava sempre por ser pouco. E lá vinha novo meio-whisky.

E outro. E...

Regressávamos ao *Fiel Inimigo* e tentávamos trabalhar mais um pouco. Mas estávamos pesados, melancólicos, e nem sempre a neurastenia ajuda à criação de textos humorísticos. Após conferenciar com Mário Lindolfo, o Júlio repetia a rotina de se aproximar da minha mesa: «Ó pá, e se fizéssemos uma pausa e fôssemos à D. Rosa tomar um café?» E íamos à D. Rosa, na Travessa dos Inglesinhos, lanchar. Só que, era do entendimento comum (pelo menos, o daqueles dois velhos jornalistas revivendo o passado), um café por vezes ia melhor com uma aguardente velha ou, digamos, uma Macieira.

E lá voltávamos ao velho espaço do *Diário Popular* (1942-1991), fechado três anos antes e ao qual nós, escassos, tentávamos devolver alguma vida, ocasionalmente visitados pelos outros parceiros de aventura: o Viriato, o João Romão, os miúdos Lam e Carrilho, o Nuno Saraiva, já veterano apesar de ainda estar longe dos trinta anos, o Serer

e o seu grotescamente cómico cartoon, o desperdiçador do próprio talento Relvas, e poucos mais – porque não havia muitos mais.

Até que, alvíssaras, capitão, havia enfim um texto! Um texto! Júlio acertara com o tom certo para o que queria dizer no editorial do próximo número, ou agarrara a forma do artigo de fundo. Mário inventara uma boa piada. Era a altura mais agradável do dia: os risos antecipados, o ar de conspiradora malícia do Júlio. Era altura de celebrar – mas ainda havia muita página para terminar, tinha de estar tudo pronto quando daí a dias fosse tudo para a gráfica. O que fazer, continuar mais um pouco? Sim, claro. Mas talvez uma estratégia não-linear fosse adequada:

«Que tal irmos já andando para o Tagarro, são quase sete e meia, jantamos cedo, e depois vimos aqui trabalhar mais um bocado?»

Como resistir a tão elaborado plano?

Na Adega do Tagarro comíamos bem, éramos clientes habituais, havia sempre conhecidos do Júlio ou do Mário noutras mesas, que por vezes se nos juntavam – ou mesmo colaboradores nossos, fora das horas de trabalho que lhes pagavam as contas. Eram jantares animados.

E, no fim, havia os meios-whiskies.

Regressávamos pelas dez da noite à antiga redação do *Diário Popular*, agora sede do *Fiel Inimigo* (mas sem nunca perder o ar de abandono, de sermos inquilinos clandestinos ocupando ilegalmente um barco abandonado), e escrevíamos – ou tentávamos escrever – mais um pouco. Até que, perto da meia-noite, o Júlio sentenciava:

«Acho que já estamos cansados. E se amanhã estivéssemos cá mais cedo, se possível até antes das nove, a ver se produzimos mais?»

Eu ficava aliviado, íamos enfim para casa. A dada altura, a gravidez da minha mulher (e a sua crescente solidão) começaram a pesar-me na consciência, tal como os meios-whiskies. O mínimo que eu podia fazer era tentar estar um bocado junto, partilhar esta coisa tão importante para ambos. Aliás, algo que me intrigava era como o Júlio e o Mário faziam. Percebi, paulatinamente, que as famílias já estavam habituadas. Era o estilo de vida deles, nada a fazer. Mas não era – não ainda, não quando ia ser pai – o meu.

Só que, quando íamos a sair, alguém tinha uma infeliz ideia:

«E se fôssemos beber um último copo ao Escondido?»

O Escondido era um bar aberto até às duas, não recordo se era mesmo esse o nome, mas era assim que o chamávamos. Um espaço minúsculo, em contraste com o *open-space* onde acampávamos.

Esta era a rotina diária, tal como a recordo. E na manhã seguinte, o ciclo recomeçava, com variações mínimas, mantendo o essencial da estrutura. Por mim, estava entre o desalentado e o encantado.

Quando ao fim de uns meses a gravidez já ia avançada, despertei do meu torpor. E comecei a levar trabalho feito de casa, preenchendo na mesma a minha quota de páginas (cerca de quatro, cinco), mas – pelo menos ao jantar – a ir embora para casa. E cortei nos meios-whiskies. Deixei de os acompanhar tanto, ao Tagarro pelo almoço e jantar; à D. Rosa, pela manhã e a tarde; ao Escondido, noite dentro.

Até ao dia em que (eu podia tê-lo previsto, não o previ, mas também não me surpreendi) o Júlio e o Mário se aproximaram de mim, pesarosos, a dar-me a funesta notícia:

«Rui, eu e o Mário estivemos a pensar... e achamos que estás a ficar fora do espírito do jornal.»

E fui demitido, ou melhor, despromovido. Para o meu lugar entrou João Romão (e desejei boa sorte ao seu fígado) e eu continuei até ao fim, mas como «colaborador», não mais na ficha técnica do jornal satírico de cuja fundação, graças ao Júlio Pinto, tive a imensa honra de participar.¹⁷

HUMOR SEM MEDO

Ao optar pela paródia política da realidade e da atualidade, o *Fiel Inimigo* dá eco das tensões de um tempo – é um fio condutor. Uma capa notável, sobre o racismo, um assunto que só hoje começa a ser discutido publicamente com alguma seriedade num país que não gosta de falar disso,¹⁸ Júlio Pinto cunha mais um dos seus muitos

¹⁷ João Romão também não ficou editor até ao fim. Desconheço as razões – talvez, entretanto, ainda maior falta de dinheiro para pagar o salário.

¹⁸ A 6 de julho de 2018 (*Público*, p. 4), o alto-comissário das migrações Pedro Calado diz textualmente numa entrevista: «Os portugueses não são genericamente racistas. Mas todos temos os nossos preconceitos.» A intenção até pode ser simpática, mas reproduz um mito que vem desde os tempos coloniais: a de uma originalidade portuguesa que, por milagre dialético, dado que ao contrário dos outros não temos racismo, nos torna superiores.

brilhantes achados: *brancos costumes*.¹⁹ A referência é óbvia para qualquer português daquela geração: afinal, Portugal era «o país dos brandos costumes». Com a simples troca de uma consoante, e na sequência de um ataque violento no Bairro Alto, noticiado noutros jornais como um *fait divers* e, aqui, chamado para tema de capa no nº11, de 11 de setembro de 1993. Desenhada por André Carrilho a partir de um conceito do Júlio (fig. 7), é uma das capas que melhor expressam o que o *Inimigo* foi – e o que poderia ter sido:



(fig. 7)

Não há ambiguidade, não há neutralidade – para *O Fiel Inimigo*, o racismo é bronco, e os supremacistas são brancos quando se juntam em grupos e revelam-se não só *cabeças rapadas* (o termo em português para o inglês *skinhead*) mas, sobretudo, *ideias rapadas*.

UM RELATO PESSOAL

¹⁹ E o jogo de palavras veio para ficar. Em 2018, o título de um livro é *Racismo no país dos brancos costumes* (Joana Gorjão Henriques, Lisboa: Tinta da China).

Bem sei que um trabalho académico à letra não se coaduna com depoimentos na primeira pessoa. Por outro lado, que melhor forma de falar do como se vivia um jornal *sui generis* quer pela metodologia quer pelo resultado? Foi uma aventura breve? Foi. No entanto, tanto quanto sei, foi a última vez que uma publicação periódica de humor de âmbito nacional e distribuição em banca que tentou ser autónoma.²⁰ José Vilhena usava esse argumento como justificação para, já tarde na vida, ainda ter feito algumas revistas mensais: *O Fala-Barato*, *O Cavaco*, *O Moralista*. «Como é possível Portugal não ter uma publicação independente de humor?», dizia-me.²¹ A verdade é que não tem. Não há. Poderíamos quase dizer que é uma originalidade portuguesa. O diário *Público* viria a ter um suplemento semanal chamado também *O Inimigo* (neste caso, «O Inimigo Público»), o *Expresso* teria durante um verão uma espécie de encarte, «O Inevitável», mas independentemente da maior ou menor qualidade, e do maior ou menor sentido crítico e de provocação, não se qualificam como publicações independentes, e por um singelo pormenor – não o são.

Um relato pessoal vale? Sim, se for honesto e, cumprindo um princípio basilar em ciências humanas (Eco, 1992: 50), fornecer ao leitor elementos para questionar o que é dito. Os exemplares estão disponíveis para consulta na hemeroteca de Lisboa, pelo menos. Talvez devessem ser digitalizados. Em muitas coisas não tive razão, disso estou certo, pelo que este relato dos factos deve ser visto como isso mesmo: uma versão pessoal dos acontecimentos. O que há de factual é verificável: os números que saíram, as datas, a tiragem, o número de exemplares vendidos, as mudanças estratégicas ao sabor do vento (ou seja, sem dados a substanciarem-nas), a ficha dos colaboradores. O resto está sujeito a interpretação e é pena que dois intervenientes maiores (o Júlio e o Mário) já não estejam cá para participar numa mesa redonda sobre esta aventura rara (a última, até à data?) de um *semanário humorístico autónomo e independente*. Uma experiência falhada e breve? Eu creio que não foi: nem tão falhada (deu frutos e teve alguma graça e ousadia) nem tão breve como isso. Afinal, se só durou (ou arrastou por) quase um ano, a verdade é que visto por outro lado o *Fiel Inimigo* ainda durou (ou arrastou por) quase um ano. E, no caso do humor, «ver por outro lado» é metodologia essencial.

²⁰ Não é de excluir a existência pontual de fanzines, mas esses necessitam de outro radar.

²¹ Depoimento pessoal.

JÚLIO PINTO



(fig. 8)

Não era um homem bonito, o Júlio Pinto. Careca desde novo, cabelo em desalinho dos lados (uma coincidência com Serer), quisto sebáceo no cocuruto, o Júlio parecia um cruzamento de buda com *leprechaun* irlandês, o riso besuntado por uma barba esparsa, irregular. Gosto de o recordar a rir-se – e suponho que as pessoas que gostam dele farão o mesmo. «Uma criatura estranha, este militante de causas perdidas com sentido de humor», diz Inês Nadais em 1999, menos de um ano antes de Júlio Pinto morrer – relativamente jovem, aos 51 anos, mas com uma vida cheia, e admirado (e, melhor ainda, apreciado) por dois príncipes da coisa, em polos opostos da erudição e da iconoclastia: José Vilhena e Alberto Pimenta.

O *Inimigo* foi o bebé do Júlio – e foi ele, secundado até ao fim por Mário Lindolfo e, depois, toda a equipa – que o transportou, o viveu, por lutou até ao fim.

No editorial do primeiro número, a 3 de julho de 1993, o editorial de Júlio Pinto marcava o tom:

E, ao contrário dos restantes órgãos de informação, que aliás muito respeitamos, “O Inimigo” é um jornal de todos os portugueses. Melhor, o jornal de todos os portugueses. O “Expresso” tira 150 mil exemplares por edição? É pouco. Exclui da possibilidade de compra, logo, à partida, 9 850 224 portugueses.

Com a sua tiragem de 10 000 224 exemplares, “O Inimigo” dirige-se a todos e a cada um dos portugueses, sem qualquer tipo de discriminação. Mesmo os analfabetos poderão comprar “O Inimigo” – temos imensa bonecada e até textos escritos por colaboradores menos alfabetizados.²²

²² *O Fiel Inimigo*, Edipress, Lisboa. 3 de julho de 1993.

Os editoriais seriam, aliás, como num jornal normal, o afirmar não só do tom como da linha editorial – sátira social mas também à própria comunicação social, às suas pequenas e grandes hipocrisias, num tempo em que (embora ainda sem competição de redes sociais) já se fazia sentir a famigerada ‘crise da imprensa’. O meu favorito para o primeiro número teria sido o do protótipo 01, no qual Júlio faz o “Elogio da Inimizade”:

O que faz de nós cidadãos relativamente normais (...) é a existência de inimigos. (...) Sem inimigos, adormeceríamos sobre o próprio umbigo. Que teria sido dos homens sem sono, os nossos Capitães de Abril, sem o inimigo fascista? Teriam adormecido, claro, e hoje a direita estaria no poder, o capitalismo teria regressado ainda mais pujante, ainda mais selvagem.

E que seria de milhares de crianças sem a inimizade dos pais que os espancam? Ou dos adolescentes expulsos de casa por fumarem um charro ou estaparem o carro número um da família?

Acabariam todos instalados, quem sabe até no governo, como o dr. Marques Mendes. E esta sociedade de sucesso não teria qualquer reserva significativa de indignação.²³

Depois do *Inimigo*, Júlio Pinto foi feliz durante uns anos. A parceria com Nuno Saraiva encontrou novo espaço no semanário *O Independente*, e fariam anos duas bandas desenhadas notáveis publicadas depois em livro: a *Filosofia de Ponta*, conjugando episódios eróticos com citações vertiginosas de filósofos; *Arnaldo, o Pós-cataléptico*, a história de um jovem esquerdista que entrou em coma durante o Verão quente de 1975 e acorda vinte cinco anos depois, numa realidade bem diferente: muitos ex-camaradas maoistas agora empresários, membros de partidos de direita, etc. Uma oportunidade mais para o Júlio se «vingar» (no bom sentido da palavra vingar: ou seja, a rir) das traições do tempo e da condição humana.

Júlio Pinto faleceu a 5 de outubro de 2000, dia da implantação da República de 1910. O 5 de outubro foi feriado nacional até 2012, repostado quando da formação de novo governo em 2016. O Júlio acharia graça a isto.

²³ *O Fiel Inimigo*, Edipress, Lisboa, p. 2 do nº 01 da fase de testes (quatro números), não publicado.

RECEBIDO EM: 01/06/2018

PARECER DADO EM: 13/06/2018



www.revistafenix.pro.br